

EDITORIAL

O padre Manuel Bernardes, na sua *Nova Floresta ou Silva de vários apotegmas e ditos sentenciosos...*, introduz seus apotegmas dirigindo o leitor à figuração de um sol, composta por certo poeta “autor de uma comédia de tramoias”, astro esse que estava envolto, na representação que simulava, por doze figuras de ninfas que diziam, cada uma, acerca das doze horas do dia. Todavia, dessas figuras, umas eram pequenas, outras medianas e a maioria, grandes. Instado pela audiência acerca da diferença de proporção das ninfas que figuravam as horas do dia, viam nelas erro pois todas as horas do dia são iguais, ao que respondeu o poeta “remediando com discrição o que não pudera com a diligência: Senhores, as horas mais pequenas são as da oração e do servir a Deus; as medianas são as dos negócios; e as maiores são as de dormir, comer, folgar e dar-nos a passatempos”. Com esse dito “agudo”, iniciam-se os apotegmas de Bernardes, introduzindo-se com expediente bem ao modo seiscentista: os aconselhamentos e preceitos doutrinários são acompanhados de ditos e sentenças faceciosos, agudos, que impedem que o espírito caia, no dizer de João Adolfo Hansen, “posto em contato direto com a chateza da verdade nua, louvando-se as agudezas como engenho”.¹ Quando dizemos, “modo seiscentista”, referimo-nos às agudezas como aspecto relevante e, talvez, definidor das práticas discursivas do séculos XVII, seja nas letras em verso, seja na prosa (da qual ressaltamos a escrita do Padre Antônio Vieira), seja na música (na aguda arte contrapontística de Johann Sebastian Bach), seja na representação pictórica (na pintura ilusionista e na marchetaria virtuosística), na escultura de Bernini ou na arquitetura de Le Brun, em tudo intenta o poeta a inebriar a inteligência do discreto - sua recepção desejada.

¹ HANSEN, João Adolfo. Agudezas seiscentistas. *Letras*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, n. 24, p. 57, jan./jun. 2002.

Voltando ao Padre Manuel Bernardes, ao tratar da “Cortesia e Urbanidade”, o padre menciona a visita de Juvenal Ancina a São Francisco de Sales na qual o hóspede, convidado a falar, elogiou o anfitrião dizendo ser “SAL ES TU VERE”, aludindo à passagem do evangelho: “Vos estis sal terrae, vos estis lux mundi”, a que completa Ancina, compondo no mesmo dito a persona modesta, humilde e o encômio de S. Francisco de Sales: “Imo tu, et sol, et lux; ego vero neque lux, neque sol. (antes tu és, não somente sol, mas luz, e eu nem luz, nem sol). Os ditos e os efeitos das palavras produzem um “belo eficaz”, sendo a agudeza aspecto linguístico com efeitos poéticos, retóricos e éticos, na medida em que é fala decorosa de discreto, conformando com o intelecto o costume cortês e urbano e vice-versa.

Esse volume de Floema, sob os auspícios dos organizadores Prof. Dr. Marcello Moreira, Prof. Dra. Maria do Socorro Fernandes de Carvalho e Prof. Dr. Flávio Antônio Fernandes Reis, abre-se com questões dirigidas à Prof. Isabel Adelaide Penha Dinis de Lima e Almeida, docente da Universidade de Lisboa. Nos seus estudos, Isabel Almeida dedica-se à investigação das letras dos séculos XVI e XVII português: a prosa de cavalaria quinhentista, matéria de sua decisiva tese de doutorado acerca das narrativas de cavalarias portuguesas quinhentistas impressas; o estudo e a edição de poesia do século XVII, tais como o volume dedicado à poesia maneirista e diversos artigos relativos aos estudos camonianos, à obra vieirina e outros assuntos publicados em periódicos e em capítulos de livros. As perguntas da entrevista, elaboradas por estudiosos brasileiros de diferentes universidades, abordaram aspectos encontrados nos estudos de Almeida e contemplam, muitas vezes, pontos de contato entre os estudos das letras de Antigo Regime realizados em Portugal e no Brasil. Ademais, esse foi um aspecto que Almeida buscou enaltecer, demonstrando a amizade e o apreço dedicados aos estudiosos brasileiros e às suas pesquisas.

Na secção “Agudezas”, Marcelo Lachat, no artigo “A lírica amorosa seiscentista: poesia que deleita e ensina”, apresenta substancial debate acerca das especificidades da poesia de amor seiscentista, lendo-a

segundo seus aspectos retórico-poéticos, dentre os quais noções como engenho, decoro e agudeza são basilares. Lavinia Silveira, no artigo “O “escuro quarto vivo”: agudeza e obscuridade em *The Flea*, de John Donne” trata detidamente acerca da “agudeza enigmática” na composição de John Donne, mostrando a funcionalidade e a maneira com que poética e retoricamente operam as artificiosas agudezas dos chamados “poetas metafísicos”. Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, no estudo intitulado “Contra a agudeza”, mostra-nos o debate recente em que se inserem os estudos retórico-poéticos e a própria noção de agudeza. Em diálogo com o texto “Historiografia literária e letras coloniais”, de João Adolfo Hansen, discute os critérios de leitura e interpretação das letras seiscentistas, segundo suas “categorias primárias”, definidas historicamente.

Os artigos da secção “matérias antigas e teoria” compõem-se de estudos que partilham de noções diversas de gênero e tempos composicionais dos três primeiros artigos. Em “A conquista régia do monopólio da violência física e simbólica, e sua expressão literária nas crônicas e cantigas da Idade Média Ibérica”, José D’Assunção Barros, segundo parâmetros teóricos e historiográficos recentes, investiga a centralização do poder régio representada nas letras ibéricas em crônicas e composições em verso dos séculos XIII e XIV. Na sequência minimamente cronológica na *dispositio* dos textos, Flávio Antônio Fernandes Reis analisa brevemente a “Carta-dedicatória dirigida por Duarte de Resende” a Garcia de Resende, em 1531, na qual o tradutor quinhentista de Cícero apresenta ao grande nome das letras da corte de D. João III – Garcia de Resende – como os tratados de Cícero preconizam ao mesmo tempo ensinamentos éticos enformados em primores elocutivos modelares ao vernáculo português. No artigo “A noção de autor em Barthes, Foucault e Agamben”, o doutorando Joachin Azevedo Neto analisa, nos âmbitos da moderna teoria literária, a moderna ideia de autoria que, num volume em que predominam textos sobre as letras anteriores ao século XIX, figura como contraponto – a noção moderna de autor - distinta daquela pressuposta historicamente

nas letras dos séculos XVI, XVII e XVIII. Por fim, Wagner José Maurício Costa, com a resenha intitulada “Poética da Agudeza na poesia lírica portuguesa”, apresenta ao público o estudo de Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, publicado pela EDUSP, em 2007. Trata-se de um estudo sobre a poesia de agudeza portuguesa que, segundo o prefácio de Adma Muhana, o livro “amplia imensamente o universo conhecido da poesia lírica dos seiscentos.” Assim, certos de que os textos reunidos e as matérias tratadas são de grande interesse para os estudiosos das letras, desejamos a todos boa leitura.

Os editores